

COVID: AS REAÇÕES DO SER HUMANO FACE ÀS PANDEMIAS SEGUNDO TEXTOS LITERÁRIOS¹

Ida Lucia MACHADO²

Resumo

Neste artigo ressaltamos alguns escritos vindos da literatura, para mostrar que sempre houve catástrofes e mortes ocasionadas por vírus diversos, no mundo. Trabalhamos assim com a interpretação discursiva de nove trechos oriundos de três narrativas fictícias e de uma outra que oscila entre a história real e a ficção para comprovar a seguinte hipótese: o comportamento do ser humano é (mais ou menos) sempre o mesmo. De um lado existem pessoas responsáveis e do outro, pessoas que vivem em um eterno *carpe diem*. Verificamos como uma pandemia (ou uma doença altamente contagiosa) narrada por escritores de ficção leva-nos a desvelar dados importantes e reais sobre o absurdo da existência humana, assim como também outros ligados à história social e aos abusos políticos de determinados países. Há enfim muita similitude entre esses escritos e o que vemos/vivemos hoje com a pandemia da covid.

Palavras-chave: pandemias; discursos literários; problemas sociais e políticos; covid.

Résumé

Dans cet article nous nous sommes penchées sur quelques écrits littéraires, pour montrer que depuis la nuit des temps l'humanité traverse de catastrophes occasionnées par d'étranges *virus*. Nous avons sélectionné neuf extraits de ces écrits, et nous les avons examinés de façon discursive pour démontrer cette hypothèse : devant une maladie inconnue, l'être humain a presque toujours le même comportement. D'un côté on voit des gens sérieux qui luttent contre la dissémination des maladies contagieuses, de l'autre, personnes qui semblent vivre dans un éternel *carpe diem*. Cela nous a permis de vérifier qu'une pandémie racontée par le biais littéraire dévoile des données qui montrent l'absurde de la vie aussi bien que abus sociaux et politiques commis de certains pays. Il y a enfin, bien de similitudes entre ces écrits et la réalité que nous devons affronter aujourd'hui avec la présence de la covid.

Mots-clés : pandémies ; discours littéraires ; problèmes sociaux et politiques ; covid.

¹ Este texto é decorrente da Live apresentada pela autora em 02/11/2020, no Projeto Discurso em Tempos de Pandemia - Fase II. Disponível em <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/> e no YouTube https://www.youtube.com/watch?v=JK-_jprSld4.

² É uma das professoras pioneiras no PosLin/FALE/UFMG, na implantação de cursos e pesquisas em Análise do Discurso. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: idaluz@hotmail.fr

INTRODUÇÃO

Como sempre fazemos em nossos discursos orais ou escritos, em primeiro lugar, gostaríamos de nos situar teoricamente face aos futuros/eventuais leitores. Como analista do discurso, trabalhamos principalmente com as teorias analítico-discursivas de Patrick Charaudeau, que muito apreciamos e que se casam bem com os diferentes *corpora* que tomamos como objeto de análise. A análise do discurso, vista como disciplina, não pode fechar-se em si mesma, adotando uma forma circular: ninguém entra, ninguém sai. Trata-se de uma corrente de estudos bem ampla, capaz de suscitar diferentes abordagens, conforme os diferentes olhares que a examinam. Ao entrar nesse universo teórico, preferimos trabalhar levando em conta que em cada discurso, há uma profusão de vozes atravessando-o. A palavra “discurso” e nosso pertencimento à sua análise, como dissemos há pouco, já nos demandam a adoção de uma atitude não-rígida ou dogmática em relação a um universo teórico fluído, cujos contornos serão mais ou menos delineados por nossos saberes acumulados. Por um lado, tal fato nos tem propiciado (a mim e aos nossos orientandos em análise do discurso) uma grande liberdade na escolha de diferentes *corpora* e, por outro tem nos conduzido a buscar tais saberes nas vozes de diversos filósofos da linguagem, sociólogos e também em teóricos vindos da história, da etnologia e da neuropsiquiatria. Quando se deseja muito explicar ou explorar um determinado conceito, há que se buscar algumas luzes em vários campos de estudo.

Cyrulnik (2017) ao explicar qual a origem de sua noção de resiliência diz ter aproveitado sua dolorosa experiência pessoal, na Segunda Guerra Mundial. São dele as palavras por nós transcritas, logo abaixo:

Não é a psiquiatria que pode explicar tal conceito, mas sim diversos outros fatores tais como a sociologia, a cultura, os romances, os jornalistas, humoristas, filósofos serão aptos para explicar a tragédia da 2ª. Guerra Mundial ou a reparação de quem por ela passou, mas não a psiquiatria. (CYRULNIK, capítulo 1, entrevista com Capdevila, 2017 – *e-book*, tradução nossa.)

Na esteira do citado intelectual, para discorrer sobre a pandemia causada na época atual pela doença *corona vírus* (doravante covid), o que aqui propomos é também utilizarmos um olhar transdisciplinar para justificar o *corpus* por nós reunido para o presente artigo, constituído por fragmentos vindos de quatro obras literárias, de

diferentes autores e épocas. A perspectiva analítico-discursiva que aqui utilizaremos, como buscamos esclarecer desde o início da *Introdução* será assim, forçosamente, compósita. Além de interpretações ligadas à análise do discurso tal como a praticamos, levaremos em conta - ou estabeleceremos um diálogo interno – entre as opiniões de um neurologista e psiquiatra, de uma jornalista, de um pesquisador em teoria literária e de um médico infectologista. Em suma, desejamos mostrar como nos é difícil encarar como uma “novidade” na história mundial esse estranho mal contra o qual o mundo inteiro agora luta (alguns países mais, outros menos).

QUANDO NARRAR É TAMBÉM FILOSOFAR SOBRE O ABSURDO DA VIDA

Narrativas refletem os imaginários sociais e culturais que predominam em uma época ou lugar. Naquelas que aqui mencionaremos, damos especial lugar para a que compõe o famoso livro de Albert Camus, *La Peste*, publicado em 1947. Ou seja, esta obra contém um discurso bem atual que, quase setenta e nove anos depois de escrito continua moderno. Tal discurso (literário e filosófico) tem muitas afinidades entre o estado de espírito e o comportamento do povo em geral, da massa humana, nos dias de hoje, face à pandemia da covid. Vejamos, para começar, este segmento no qual é exposta uma das reações dos habitantes da cidade de Oran, cidade onde a peste descrita na obra de Camus se manifestou.

- (i) Eles continuavam desse modo a circular pelas ruas e a se sentar nas mesas dos bares. Em seu conjunto, não eram covardes, trocavam entre si mais brincadeiras que lamentações e pareciam aceitar com bom humor os inconvenientes [do isolamento da cidade do resto do mundo] que seriam, na certa, passageiros. As aparências estavam salvas. (CAMUS, 1947, p.77, trad. nossa)

No início da epidemia - altamente contagiosa- e que já havia causado muitas mortes na cidade, os habitantes de Oran saíam nas ruas e iam aos bares, mesmo sabendo que a peste poderia cair sobre um deles. Ao se divertir estavam, na verdade, esconjurando a peste e a morte que ela trazia consigo, dando às duas um *pied de nez*.

De todo modo, é interessante notar como uma doença mortal, para a qual, até então, não havia vacina ou cura, não foi levada muito a sério por todos. A fórmula latina *carpe diem* (aproveita a vida) comandava as ações do povo ou talvez, como foi dito no

parágrafo anterior, era uma forma de exorcizar a doença. Era como se dissessem a si mesmos: “Se nos esquecermos dela, ela também [a peste] nos esquecerá.”

Mesmo quando o prefeito de Oran resolve tomar ou impor algumas medidas restritivas para conter a propagação da peste e manda fechar alguns comércios, o narrador do livro observa que o povo e a cidade em si, pareciam estar de férias. E o povo ia em massa aos cinemas e bares:

- (ii) [...] os cinemas aproveitavam essas férias coletivas e vendiam muitas entradas. [...] No final de duas semanas, eles foram obrigados a trocar seus programas e, com o passar do tempo, acabaram por exibir sempre o mesmo filme. Suas receitas, no entanto, não diminuíram. (Op. cit., p.78)

Para sair – e se reunir – o povo nem mais se incomodava em ver repetidas vezes, os mesmos filmes. E os bares, então?

- (iii) [...] os bares, graças aos seus estoques acumulados de bebidas em uma cidade em que este tipo de comércio vinha em primeiro lugar, puderam continuar a atender aos seus fregueses. Para dizer a verdade, bebia-se muito. Um bar que colocou na vitrine um cartaz no qual estava escrito “O vinho mata os micróbios”, fortificou a ideia, já generalizada, de que realmente, o consumo de bebidas alcoólicas preservava das doenças infecciosas. Todas as noites, lá pelas duas horas, um número considerável de bêbados expulsos dos bares enchia as ruas e eles trocavam propósitos otimistas. (CAMUS, 1947, p.78, tradução nossa).

Nota-se assim, ao longo da narrativa que, enquanto o médico local, Dr. Rieux, ajudado por alguns cidadãos trabalha incansavelmente e tenta organizar dispensários para os doentes, parte da população de Oran prefere aproveitar/arriscar suas vidas, encontrando-se uns com ou outros, rindo, bebendo, amando.

Essas ações irresponsáveis, na cidade contaminada, contrastam com as ações do médico e de sua equipe que ficavam sempre na linha de frente para combater o inimigo invisível, até que ele se manifeste. Situação paradoxal e que mostra, a nosso ver, a ironia da vida, de um ponto de vista filosófico³. Enquanto o médico da narrativa do livro

³ “Toda minha obra é irônica”: tal enunciado, por nós traduzido, figura nos *Carnets* (1950) de Camus. E em um projeto de prefácio para o ensaio *L’Envers et l’Endroit* (1937) ele escreveu: “As pessoas se irritam com o fato de sermos ao mesmo tempo, lúcidos e irônicos”. Ora, a lucidez e a ironia se reúnem, justamente, porque a vida é plena de aspectos contraditórios. Como a ironia reveste numerosas faces, mas tem em sua base uma contradição, acreditamos que, para Camus, a chamada *Ironia do mundo* ou *do*

La Peste encontra-se com a morte para salvar vidas, o povo irresponsável abre os braços para a vida e encontra a morte.

São inúmeros os exemplos que poderíamos citar, mas voltemos à pandemia que agora atravessamos, para justificar aqui a presença da obra camusiana: notamos, sem surpresa, a clarividência do escritor e filósofo Albert Camus face aos comportamentos humanos: há os que tentam agir bem, há os que sabotam as ações dos primeiros. Hoje, não só os jovens, mas grupos de pessoas adultas, apesar de todos os conselhos dados por profissionais da saúde que realmente querem proteger a população nessa fase pandêmica, mostram-se irresponsáveis, seguem maus exemplos, vindos na certa de políticos insensatos e continuam saindo e se divertindo, em festas coletivas nas quais há aglomeração de pessoas que fatalmente irão umas contaminar outras.

No caso da obra *La Peste*, a narrativa (cujo narrador só tem sua identidade desvelada no final do livro) não foi concebida apenas para distrair leitores. O livro chama a atenção para o absurdo existencial. Aliás, devemos ressaltar que foram justamente os escritos de Camus que funcionaram, no nosso caso, como um sinal de alerta para refletirmos sobre o seguinte: para falar/escrever sobre a atual pandemia da covid, não bastam escritos ou vídeos feitos sobre o assunto, hoje largamente divulgados pelas mídias. Tais discursos falam da doença, do número de mortos, das vacinas que já foram criadas e também da política em certos países. Há realmente certos representantes dessa classe que só trouxeram prejuízos e são criticados pela imprensa de diversos países, como por exemplo o não-saudoso ex-presidente do Estados Unidos da América, entre outros. Discursos midiáticos, quando não difundem *Fake News* são reveladores, de modo geral, do comportamento de diferentes grupos sociais do mundo durante crises como essa de agora e insistem em algumas regras elementares que todos deveriam adotar, para evitar a propagação de um vírus tão contagioso e estranho – agora mutante-no mundo todo.

Estendemos nossa reflexão e vimos que o tema desses discursos não é propriamente uma novidade no âmbito de outros discursos escritos! O assunto epidemia ou pandemia já apareceu, *mutatis mutantes*, não apenas no livro *La Peste*, mas em diversos outros escritos poéticos/literários de diferentes épocas que a nossa⁴. Para não

destino seria a ironia de um filósofo que observa as pessoas e o mundo como um espectador de uma bizarra e incoerente peça teatral. Para mais informações sobre a ironia, ver Machado (2018).

⁴ Por exemplo, na Idade Média francesa há narrativas (sob a forma de poemas) nas quais se comentava (de maneira “normal”) os efeitos devastadores da peste negra ou de outras doenças contagiosas que, na época, eram comuns. É o caso, por exemplo, da lepra. O clássico *Tristan et Iseut*, de origem celta, tem

nos estendermos por demasiado tempo, iremos continuar a nos centrar em casos encontrados em livros ou contos literários escritos nos séculos XX e XXI.

QUANDO NARRAR É TAMBÉM FAZER UMA HISTÓRIA SOCIAL E POLÍTICA

Procuramos assim escritos literários sobre o assunto pandemia ou epidemia. O mais impressionante, ao nosso ver, foi a novela *A peste escarlata* escrita pelo norte-americano Jack London⁵.

Na história de *A peste escarlata*, o personagem principal é um senhor de idade avançada, que havia sido professor de literatura em uma universidade norte-americana de prestígio. A pedido de um bando de jovens que o rodeiam, ele conta como essa peste – altamente contagiosa e para a qual, infelizmente não foi possível produzir vacinas a tempo, pois, os científicos todos morreram - dizimou a população de seu país e do mundo. As poucas pessoas que sobreviveram se organizaram em tribos, cada uma delas com um líder. Deve-se notar que tanto o professor quanto os garotos vestem-se de peles de cabra e têm a aparência dos humanos que viviam na pré-história. A peste, aos poucos, foi passando, mas deixou um mundo vazio, devastado, para poucos sobreviventes. O fato é que muitos jovens nasceram depois da peste escarlata. O adolescente Edwin é neto de Granser, o ex-professor, já bem envelhecido. Os outros jovens são conhecidos de Edwin (e todos estão em um estado de semisselvageria como ele) riem e deboçam do “velho”, como o chamam, sobretudo do seu jeito de falar, pois, acreditam que Granser fala uma língua diferente, bizarra, enigmática. No entanto, Granser apenas usa um registro culto, o de um professor: sua fala contém metáforas e implícitos, figuras que usamos automaticamente. Uma linguagem mais ou menos culta, algo usado para realizar atos comunicacionais...antes da peste escarlata, da humanidade

uma importante passagem que revela como a bela rainha Iseut escapa por pouco de ser jogada em uma colônia de leprosos (que viviam isolados) graças a uma estratégia concebida por ela e Tristan que provam (diante do rei Marc, seu esposo e do rei Arthur – o árbitro maior) que a rainha não era adúltera. Apesar de ser estranho, isso mostra como a convivência com doenças contagiosas se fazia ver nas narrativas da Idade Média. Esses males eram vistos pelos nobres e outros habitantes afortunados da época, apenas como um castigo merecido infligido por Deus a uns e outros, sobretudo à plebe.

⁵ London é o autor do *best-seller Caninos brancos* e também do *Chamado selvagem* (ambos transformados em filmes); foi o escritor mais lido no início do século XX pelos seus compatriotas. Como nos informa a apresentação para dois de seus livros ou novelas (*A peste escarlata* e *A ravina toda de ouro*) “Suas histórias retratam batalhas elementares pela sobrevivência” (Edição Escotilha NS).

ser dizimada, na época em que toda língua tinha suas normas, suas regras. E é por meio dela (ou do que dela lhe sobrou) que Granser tenta se exprimir e manter um diálogo com o neto:

- (iv) -Dois mil e doze – disse ele, com voz estridente [...] esse foi o ano em que Morgan V foi eleito presidente dos Estados Unidos, pelo Conselho dos Magnatas. [Ele examina uma antiga moeda de 1 dólar que um dos meninos achara]. Deve ter sido uma das últimas moedas a serem cunhadas, pois a Morte Escarlata veio em 2013. Meu Deus! Pense só! Faz sessenta anos e hoje eu sou a única pessoa viva que viveu naquela época. (LONDON, 1915/2019, p.12)
- (v) -Por que você fala tanta coisa sem sentido? Impaciente Edwin interrompeu a ameaça de tagarelice do outro. O menino não disse essas exatas palavras, mas algo remotamente semelhante; foram frases mais guturais, explosivas e com poucos qualificativos. Seu discurso mostrava pouca semelhança ao do velho, e a fala desse último se aproximava a um inglês que passara por um banho corrosivo. (LONDON, 1915/2019, p. 14)

Os dois fragmentos destacados acima são importantes. O primeiro, de número (iv) deve-se a quem assistiu a destruição da civilização pela pandemia e o segundo, de número (v) reflete a geração jovem, cujos hábitos e costumes regrediram para uma época longínqua na qual os homens viviam ainda em cavernas. Aliás, a caminhada dos dois personagens é realizada para buscar comida e eventualmente, matar animais (com flechas): o mato ou a vegetação tinham invadido todos os lugares, a natureza havia retomado seus direitos, paulatinamente destruídos pelo homem, antes da pandemia da peste escarlata.

O que muito nos impressionou na novela em pauta, foi o fato dela tocar em nosso objeto privilegiado de estudos: ela mostra o fim da linguagem e das normas comunicativas. Houve também o fim dos sentimentos: como selvagens, os jovens riaram-se dos infortúnios do ancião. Não conseguiam conceber projetos para o futuro; eram mais animais da floresta que seres humanos. Não sabiam mais ler nem escrever: já não existiam mais professores, pesquisadores e muito menos escolas, colégios e universidades. Dinheiro também não existia.

Se examinarmos a citação (iv) veremos que na sociedade que a peste dizimou, havia uma surda e rancorosa luta de classes, e a classe alta (os ricos) comandava as classes inferiores, composta por trabalhadores braçais e agricultores que eram, ao que

parece, verdadeiros escravos colocados a serviço da classe alta. Basta lembrar que o presidente dos EUA era eleito por um conselho de magnatas!

A menção ao “conselho dos magnatas”, levou-nos imediatamente ao multimilionário Donald Trump que, durante quatro longos anos “comandou” àquele país de forma bizarra (isso é um eufemismo), sendo, no entanto, apoiado por grande parte da população. Trump agiu mal em todos os sentidos aumentando o medo e fortificando o ódio racial nos EUA e não dando a atenção devida às doenças, sobretudo ao mortal vírus da covid.

Assim, na narrativa *A peste escarlata*, London concebeu uma história de antecipação ao imaginar - com bastante lucidez acompanhada de pessimismo- o que poderia ser o futuro no novo século que viria⁶. Mais ainda: tal história tem um cunho político muito forte, baseada na luta de classes e na ideologia que London sempre adotou. Com suas ideias socialistas, ele era contra as desigualdades entre uma classe e outra e os desvarios provocados pelo poder.

Na novela, quando a civilização desaparece e os poucos homens se organizam em tribos, geralmente o líder é alguém marginalizado pela classe superior na vida que antecedeu à peste escarlata. Assim o ser mais detestável da história é um grosseiro extaxista, que toma por mulher uma sobrevivente da classe rica, uma delicada “lady”. Este personagem diz a um dado momento que é normal ele ser líder de uma tribo (chamada, por sua causa, a tribo do chofer) e ter como mulher uma pessoa da classe dos magnatas: a vida tem dessas reviravoltas e quem foi humilhado passa a humilhar. Os fracos vingam-se dos fortes, da pior maneira possível. Fica implícito que tanto a pandemia quanto o fim da civilização tiveram como causa o próprio homem e suas atitudes de ambição desmesurada que acabaram por desequilibrar o planeta.

As palavras por nós destacadas e transcritas em (v), têm o objetivo de mostrar ao leitor como o falar dos jovens pós-peste tornou-se algo pobre, gutural, figurativo. A perda das sutilezas languageiras foi, no caso, uma das consequências da devastadora peste: a humanidade regressou aos seus primórdios. Ou seja: com a morte dos homens que sabiam como falar e escrever uma língua, a habilidade languageira foi destroçada e a inteligência humana regrediu a um estágio próprio a outras eras, algo próximo de uma pré-história.

⁶ Jack London escreveu esta história em 1915. Assim, o ano de 2012 estava ainda longe para ele, nascido em 1876. Viveu apenas 40 anos, ou seja, morreu em 1916.

Assim, *A peste escarlata* parece-nos ser também destinada aos que estudam a linguagem e as performances e nuances dos atos de linguagem. O que nos fez refletir sobre a fragilidade efêmera de nossos discursos atuais. Eles são mantidos por fios finos...que podem se romper de um momento para outro.

Outro livro que gostaríamos de citar aqui é o famoso *Cem anos de solidão* (1967), do escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez. Em uma visão simplista e rápida, diríamos que o narrador da longa história desse livro é o tradicional narrador invisível das ficções. Porém, na esteira de Charaudeau (1992) afirmamos que tal entidade, pelo olhar divertido e irônico que lança aos donos do poder, (com)funde-se ao olhar ou ao jeito de ser e pensar do indivíduo real que escreveu o livro, ou seja, Garcia Marquez. Enfim: esse narrador compósito (autor-narrador) descreve uma curiosa *epidemia da insônia* que se abateu sobre os habitantes de uma imaginária cidadezinha chamada Macondo.

Ninguém por lá sabia ao certo de onde viera tal epidemia e como combatê-la: ela se propagava pelo ar, explica o autor-narrador, e contaminava facilmente quem se aproximasse de um dos pestiferados que, se no começo da doença, ficaram felizes e eufóricos pelas noites e dias sem dormir, pois assim podiam trabalhar mais (e aí vemos uma menção implícita, própria da ideologia professada por Garcia Marquez: os donos do poder são pelo trabalho contínuo daqueles que dominam), aos poucos começaram a ser vítimas dos males da peste. Os macondenses doentes esqueciam-se dos nomes dos objetos do cotidiano e depois do próprio nome e chegaram mesmo a confundir os sonhos que viriam de um sono que não tinham com a realidade:

- (vi) Nesse estado de assustadora lucidez e alucinação, eles não só viam as imagens que constituíam seus próprios sonhos, mas cada um deles via ao mesmo tempo, as imagens sonhadas pelos outros. Era como se a casa [a mente de um pestiferado] estivesse cheia de visitantes. (GARCIA MARQUEZ, 1967, p. 54)

Vários estratagemas são colocados em prática contra esse estado de coisas; Aureliano, um dos personagens mais importantes da narrativa (que era também inventor) temendo que todos se esqueçam da língua começa a escrever o nome de utensílios simples como cadeira, panela e outros em papezinhos e a fixá-los nos objetos, bem como a utilidade de cada um. Mas o estado prolongado de insônia ameaçava os pestiferados de Macondo a se esquecerem também da competência de

leitura e da escrita. As trocas languageiras entre seres humanos (como na narrativa de London) são também aqui ameaçadas.

Garcia Marquez, escritor latino, tinha fortes convicções políticas e as expõe no livro que agora nos interessa. Assim, por detrás da peste da insônia, sua obra alerta para um perigo maior: o do esquecimento de fatos históricos não só em Macondo, mas em toda a América Latina, vítima de tantos males resultantes da opressão daqueles que a dominaram (ou dominam ainda) e que esmagam quem estiver em seu caminho. Fatos passados, tão infames e sangrentos, ocorridos em diferentes países, não podem ser esquecidos. Ao procurar mais informações sobre a ideia que tínhamos na mente, ou seja, que Macondo representava a América Latina e que a peste da insônia seria uma metáfora referindo-se à perda da memória histórica, deparamo-nos com um artigo escrito em 2018 por Marcelo Ferraz de Paula, professor de literatura da Universidade Federal de Goiás. O artigo intitula-se “Reflexões em torno da ‘peste da insônia’ em *Cem anos de solidão*” e é bastante rico, pois seu autor desvela e desfaz os nós de uma escrita de ficção para destacar o fato de que *Cem anos de solidão* é também uma obra com forte teor político. Segundo Marcelo Ferraz de Paula,

- (vii) [...] a praga da insônia resulta em esquecimento e numa aprofundada crise de identidade, tanto no âmbito pessoal como na esfera social. [...] Também merecem nosso interesse as respostas e estratégias mobilizados pelas personagens para enfrentar a crise decorrente do prolongamento da insônia. O pressuposto é que podemos, por meio desse recorte, colocar em discussão aspectos fundamentais da composição do romance – cuja proposta se notabiliza por oferecer uma história alternativa da América Latina – assim como de processos ligados ao uso político da memória e do esquecimento, [...] (DE PAULA, 2018, p. 2)

Há em francês um ditado “Un train peut cacher un autre”⁷ que achamos aplicável ao livro *Cem anos de solidão*. Sob a cobertura de uma história contada como uma fábula, fruto do realismo mágico ou do real maravilhoso da América Latina palpitam as verdadeiras intenções e os ideais políticos do escritor. No caso, a peste da insônia seria uma espécie de metáfora do esquecimento, algo que colocaria mais uma vez em risco a já tão maltratada memória histórica do continente latino.

De todo modo, o livro de Garcia Marquez nos mostra que o prefeito de Macondo toma certas medidas de precaução (mesmo precárias, no caso) para que a peste não se

⁷ Traduzimos: ‘Um trem pode estar escondendo outro’.

propague e não invada outras cidades, além de Macondo. Para que ela não contamine seus vizinhos.... Ora, nesses tempos de covid assistimos, espantados a um ballet de políticos desorientados que não sabem se ajudam a economia e os comerciantes mantendo bares, restaurantes, lojas, shoppings abertos ou se os fecham e aconselham a população a ficar quieta em casa. Acreditamos estar em presença de algo inédito na história da humanidade.

Porém como mostram os romances por nós mencionados até agora, com as devidas mudanças resguardadas, vemos que o assunto já foi fonte de discussão e preocupação em outras épocas. O ser humano sempre lutou contra calamidades do gênero, na História. E delas pouco aprendeu...

Finalmente, não poderíamos deixar de incluir aqui um livro bem recente, escrito em 2018, pelo escritor francês Jean Teulé, intitulado *Entrez dans la dance*, em nossa tradução “Entrem na dança”. Ora, a dança em questão é decorrência de uma estranha epidemia e não deixa de lembrar um estranho carnaval. Aqui no Brasil, em 2019, tivemos o carnaval, e sobretudo o carnaval de rua: o de Belo Horizonte foi muito concorrido, com muitas pessoas aglomeradas, vindas de outras cidades ou estados e até de outros países e, logo depois, a primeira onda da covid. Eis algo que nos faz refletir.

No romance supracitado, várias pessoas de uma cidade (Estrasburgo) são dominadas por uma estranha doença, de fácil contaminação, como todas as pestes. Como quase sempre acontece, as vítimas principais são os mais pobres e famintos, pessoas comuns que antes disso trabalhavam no pequeno comércio local. Evidentemente, artesões e pequenos comerciantes eram menosprezados pelos nobres chefes da igreja católica e pelo governo local. Devemos lembrar que a história se passa em 1518 e diz respeito a uma estranha doença que realmente contaminou parte da população de Estrasburgo. Jean Teulé, a partir de um fato real, compôs uma narrativa cuja ação se situa entre a história e a ficção.

A narrativa centra-se, pois, nessa estranha reunião de contaminados que só fazem dançar ao som de uma música que só eles ouvem e formam um grupo cada vez maior de pessoas, subitamente dominadas por uma espécie de histeria coletiva. Não param de sacudir braços e pernas, ou seja, dançam mesmo machucando as pernas, os pés, os braços e as mãos. No auge da loucura perdem pedaços de pele, pedaços do corpo, pedaços do nariz, dedos, mas continuam a dança macabra. Vistas de longe, essas pessoas pareciam estar festejando a vida, num estranho carnaval que, na verdade, levava à morte. Antes da dança começar, no auge da fome (era uma época de miséria, faltou

trigo, pão, o essencial para a população sobreviver), alguns habitantes (antes civilizados) viraram canibais e chegaram a comer seus próprios filhos recém-nascidos. E quando a estranha peste os dominou, esse povo faminto passou de canibal a pessoas que devoram o que veem pela frente, como por exemplo, fezes de doentes. O escritor, cuja voz também se confunde com a do narrador, conta tal caso repugnante mobilizando uma ironia zombeteira, uma espécie de humor ácido. Ele escreve: “Convenhamos: fezes de gente com sífilis e com lepra não são lá alimentos oriundos de uma cultura bio, saudável” (TEULÉ, 2018, p. 99, tradução nossa.)

Mas, mais ou menos como nos outros escritos literários sobre os quais falamos, rapidamente, a crítica maior de Teulé dirige-se à classe política de Estrasburgo, dominada por burgueses ricos e pelo clero: a epidemia tem por consequência – acreditamos – a miséria na qual o povo foi colocado em uma época de pouca colheita ou problemas com a produção/distribuição de trigo. E como os políticos líderes -segundo Teulé- viviam na maior opulência sem que nada lhes faltasse na mesa, comidas refinadas, carne, vinho, doces...chega-se à conclusão de que a corrupção do governo consistia em guardar o melhor para si e o povo que se arranjassem como podia. Ou não.

Por mais estranho que pareça, existe realmente uma crônica alsaciana escrita em 1519 na qual se pode ler o seguinte:

- (viii) Uma epidemia estranha ocorreu nesses últimos tempos. Ela se espalhou pela cidade de Estrasburgo, na Alsácia. Ocorreu de tal modo que, em sua loucura coletiva muitos começaram a dançar e não pararam mais. Dançavam sem interrupção, dia e noite, e isso durante dois meses, até caírem inconscientes. Muitos morreram dançando. (Crônica da cidade de Estrasburgo, trad. nossa)

Tal crônica figura nos arquivos históricos da cidade e foi colocada na contracapa do livro de Teulé. Como é uma crônica da cidade, logo seu discurso deve efetivamente se referir a um fato real ocorrido na cidade. Não se trata de um discurso de ficção. Para confirmar, buscamos algum outro documento relativo aos fatos estranhos que foram guardados na memória de Estrasburgo, pertencentes ao século XVI. Consultamos então um jornal on-line da cidade (*Rue 89*), no qual Louise Wessbeche escreveu uma matéria sobre a “estranha epidemia”. Ela nos fala da “paciente zero”, ou seja, Frau Troffea, a primeira pessoa a começar a estranha dança. E nos relata o seguinte:

- (ix) “Desde o começo deram à epidemia uma origem divina e pensavam que só a misericórdia celeste poderia contrabalançar o flagelo que lhes foi infligido por Deus e

pelos santos”, lembra Waller⁸. Então para acalmar a cólera daquele que pensavam ser Santo Guy, o Conselho dos 21 acabou por levar à força todos os doentes para o exterior da cidade. O estranho desfile de carroças onde os doentes se comprimiam chega a Saverne, e lá cada um deles recebeu sapatos vermelhos consagrados e bentos em uma grande missa celebrada em honra de Santo Guy. O remédio pareceu eficaz e a epidemia acabou enfim por desaparecer. (WESSBECHE, apud Waller, 2016)

Como podem notar, uma maneira fácil de justificar o que não foi justificado de fato (fome? Presença de uma bactéria no centeio que intoxicou parte da população?) está no apelo à cólera divina (sempre justificada, mesmo por coisas ínfimas...).

Enfim, como é fácil notar, os escritores aqui citados adotaram, como pano de fundo para suas narrativas, uma visão crítica e irônica do mundo e daqueles que governam e exploram o povo. Alguns intelectuais dizem que ela acabou, mas a nosso ver, eles mostraram ao lado de pandemias ou epidemias diferentes, a eterna luta entre as classes dos dominadores e a dos dominados.

CONCLUSÃO

Nos livros que nos serviram de base, escritos como romances, os indivíduos que os conceberam – de Camus a Teulé – não deixaram de utilizar alguma forma de zombaria, seja dirigida aos que mostravam não acreditar nos malefícios das pandemias ou doenças misteriosas aqui rapidamente relatadas, seja a crítica feroz contra os governos e instituições poderosas que ainda separam as pessoas em grupos: os marginalizados e os poderosos.

No momento em que escrevemos esta Conclusão – já no fim do primeiro mês do ano de 2021 - encontramos-nos na época das discussões sobre as vacinas para a Covid: chegam ou não? Serão eficazes contra as mutações do vírus, sendo que a última parece ter acontecido em plena Amazônia? Novos debates, novas esperanças enquanto as mortes continuam.

⁸ O historiador da medicina John Waller contou essa estranha história na sua obra *A time do dance, a time to die: the extraordinary story of the dancing plague of 1518*, escrita em 2008 e traduzida em 2016 para o francês com o título *Les danseurs fous de Strasbourg*, publicada pela editora Nuée Bleue.

Segundo o médico infectologista Stefan Cunha Ujvari⁹, em seu livro *Histórias das epidemias*, lançado pela primeira vez em 2003 e agora, em 2020 (edição revista e modificada), uma das causas de tantas pandemias que procederam a covid é mais ou menos a mesma – guardadas as devidas diferenças e proporções – que aconteceu quando da peste provocada na época das Cruzadas, na Idade Média europeia: deslocamentos humanos de soldados que, mesmo com a saúde debilitada, eram engajados nos exércitos e que, para guerrear, iam de um lado para outro. Viajavam, em uma única palavra. Sem condições de higiene em seus acampamentos precários.

A nosso ver, de certo modo, eles foram substituídos, em primeiro lugar, pelos peregrinos que buscavam chegar até Jerusalém ou outros locais “santificados”, pelos “descobridores” do novo mundo e, com o tempo passando, pelos turistas que, antes da pandemia da covid (e mesmo durante) viajavam já com sintomas da doença, levando-os de um lado para outro, dando lugar e ocasião ao vírus para se multiplicar. Esse parece ser o caso da Covid, atualmente. Sobretudo no século atual, graças ao turismo em massa, aos numerosos voos e a falta de educação e cuidados de muitos turistas que, quando estão longe de casa acham que podem fazer em outro país o que não fariam no seu. Desse modo, doenças transitam de um lado para outro e conforme a resistência física de outros viajantes, os aviões, ônibus e navios tornarem-se lugares onde a doença fica fechada e cresce. Como afirma Ujvari (2020, p. 309) “É uma história contínua, influenciada pelas nossas alterações políticas, econômicas e sociais”.

São também dele as palavras abaixo transcritas:

- (x) A covid 19 mostrou como somos vulneráveis e impotentes. E, após acalmar a sua tormenta, talvez as nações se unam em acordos internacionais para minimizar o risco de epidemias semelhantes. Talvez nasçam novas condutas rumo ao objetivo de desenvolvimento sustentável do planeta. Minimizar o contato com animais silvestres e um controle rigoroso da higiene e isolamento de criações de animais, pode ser, quem sabe, um primeiro passo. (UJVARI, 2020, p. 309).

Talvez. Quem sabe, como ele mesmo disse.

Eu, pessoalmente, duvido um pouco. O ser humano dificilmente mudará. Como dizer a uma pessoa sem muitos recursos que ela não pode ter mais sua pequena criação de galinhas ou porcos, sem que exista um bom governo que a tire das margens da população em que ela foi colocada?

⁹ Que realizou seus estudos (graduação e pós-graduação) na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo e que trabalha no Hospital Alemão Oswaldo Cruz.

No livro *La Peste*, de Albert Camus, o melhor livro para representar a pandemia que hoje atravessamos, o narrador, o corajoso e infatigável médico, Doutor Rieux, só pensa em tratar e tentar curar os atingidos pela peste. Com a ajuda de um antigo médico de Oran, descobre e aplica em quem ainda não foi contaminado, não uma vacina cem por cento eficaz, mas uma espécie de sêrum que minimiza, em algumas pessoas, a transmissão da doença e de seus efeitos desastrosos. Ora, este mesmo narrador, discretamente, espanta-se ao presenciar as reuniões animadas do povo, à noite, que, apesar da peste ainda estar disseminando vidas, sem discriminação de idade, têm uma sede feroz de diversão, como já dissemos. E, no entanto, este mesmo povo (irresponsável) já deveria ter mudado seu comportamento. Pelo menos na ficção.

No Brasil e em certos países da Europa, a covid cresceu e “engordou” depois das ceias de Natal em família. Ou seja: na primeira oportunidade de reunião familiar, ainda com a covid atuando, houve um grande número de reuniões, de contatos humanos, beijos e abraços. E, logo após um aumento de casos da doença.

Daí nossa descrença em mudanças. Se houvesse mesmo uma mudança no comportamento humano após uma pandemia global deste tipo, isso já deveria estar ocorrendo.

Gostaríamos de transcrever – para encerrar o artigo – algumas palavras, tão belas e sensatas, do final do livro *La peste*:

- (xi) Escutando os gritos de alegria e festa que subiam da cidade, Rieux pensou que essa pequena alegria estava sempre sob constante ameaça. Pois, ele sabia o que a multidão em festa ignorava e isso pode ser comprovado na leitura de livros: que o bacilo da peste não morre nem nunca desaparece e que ele pode ficar durante muito tempo adormecido nos móveis e nas roupas, que ele espera pacientemente nos quartos, nos porões, nas malas, na papelada. E que, um dia, talvez para a infelicidade e para ensinamento aos homens, a peste acordaria seus ratos e os enviaria matar em uma cidade feliz. (CAMUS, 1947, p. 309, tradução nossa.)

Será que um dia o vírus da covid será completamente eliminado? Outro virá substituí-lo. Se o homem não aprender e mudar, como disseram, cada um a seu modo, Ujvari e Camus.

REFERÊNCIAS

CAMUS, A. *La Peste*. Paris : Gallimard, 1947.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Hachette, 1992.

CYRULNIK, B. y CAPDEVILA, C. *Diálogos*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2017. Formato *E-book*.

DE PAULA, Marcelo Ferraz. Reflexões em torno da 'peste da insônia' em *Cem anos de solidão*. In: *Acta Scientiarum Language and Culture*, Universidade Estadual de Maringá, Brasil. vol. 40, 2018. Disponível em: <http://www.redalib.org/articulo.oa?id=3074583055008>

MACHADO, Ida Lucia. *A Ironia*. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Cent ans de solitude*. Traduit de l'espagnol (Colombie) par Claude et Carmen Durand. Paris : Éditions du Seuil, [1967] /1995.

LONDON, Jack. *A morte escarlata*. Tradução Alice Klesck. São Paulo: Edição Escotilha NS, 2019.

TEULÉ, Jean. *Entrez dans la dance*. Paris : Julliard, 2018.

UJVARI, Stefan Cunha. *História das epidemias*. Contexto: São Paulo, 2020.

WALLER, John. *Les danseurs fous de Strasbourg*. Paris: Nuée Bleue, 2008.

WESSBECHER, Louise. *En 1518, une étrange épidémie de danse a contaminé des centaines de personnes à Strasbourg*. In: <https://www.rue89strasbourg.com/strasbourg-epidemie-de-danse-de-1518-143726> (consultado dia 15 de janeiro de 2021)

Como referenciar este artigo:

MACHADO, Ida Lucia. Covid: as reações do ser humano face às pandemias segundo textos literários. revista **Linguagem**, São Carlos, v.35, Dossiê *Discurso em tempos de pandemia*. fevereiro/2021, p. 197-212.